

APRESENTAÇÃO

Para os historiadores, e não apenas para os historiadores da literatura, pelo menos desde meados do século XX, a obra literária foi alçada, assim como a obra de arte, os falares, os gestos e outros fenômenos e objetos culturais, à condição de fonte para a construção do conhecimento histórico. É certo que a presença da literatura na escrita historiográfica antecede ao grande movimento de renovação da História iniciado por essa época. Não há de se estranhar a presença da literatura em textos de orientação marxista e mesmo em clássicos do positivismo. Mas, da observação dos trabalhos publicados ao longo das últimas cinco décadas, depreende-se não apenas o crescimento em importância do uso da literatura como fonte histórica mas, também, mudanças significativas no tratamento dessas fontes e na definição das matérias que, por meio delas, se anunciam como objetos de investigação.

A literatura fez-se fonte privilegiada de um amplo campo de saber em favor do qual militam – e compartilham fontes e métodos de abordagem – historiadores, filólogos e outros pesquisadores do campo das letras, em um esforço conjugado, voltado para a descrição das obras literárias, para a enunciação de seus caracteres linguísticos e valores estéticos, para a identificação de fórmulas literárias que se mantêm no tempo, para o enfrentamento das questões pertinentes ao fenômeno da autoria e das representações sociais.

Do ponto de vista metodológico, a utilização da literatura como fonte demanda o discernimento sobre os conceitos e métodos de abordagem ofertados pela filologia, pela antropologia, pela sociologia, às vezes pela psicologia, pela história da arte, da literatura, da filosofia, da música e de outros campos da história, a partir dos quais a história social e cultural desenvolve os seus próprios instrumentos de análise. Por outro lado, aos pesquisadores

impõe-se situar frente aos inúmeros conceitos de uso corrente, como ideologia, mentalidades, representações, imaginário etc.

O conhecimento histórico acumulado sobre épocas e lugares precisos, ou abarcando grandes regiões e períodos, tem se revelado indispensável aos estudiosos da literatura, mesmo àqueles que buscam desvelar caracteres próprios a autores, obras e movimentos literários. E, mais recentemente, tem se revelado imprescindível para aqueles que se debruçam sobre a tarefa de desvendar os modos individuais e coletivos de recepção das obras literárias.

Ao historiador, especificamente, a pesquisa deve conduzir à construção – e transposição para a escrita historiográfica– de discursos sobre realidades históricas, nas quais as obras literárias e as tendências classificadas como movimentos literários têm origem e nas quais se difundem.

Dois problemas se apresentam, entretanto, para os historiadores da literatura: o primeiro refere-se à própria noção de realidade histórica que se busca elucidar; o segundo diz respeito à relação entre a literatura e essa suposta realidade histórica, à qual se pretendeu, durante muito tempo, atribuir uma concretude ou subordinar aos esforços de reflexão teórico-abstrata, mas que, hoje, se revela multifacetada, cambiante conforme os determinantes espaço-temporais e as leituras que dela fazem os agentes do fazer historiográfico.

É indiscutível que a literatura traz importantes informações sobre essa suposta realidade histórica, não como um espelho a refletir as estruturas e movimentos da sociedade, mas como um dos seus elementos constitutivos. Como representação social, a produção literária permite elucidar aspectos importantes da vida material, dos conflitos e formas de sociabilidade, das formas de pensamento, dos valores e padrões de conduta de uma determinada configuração histórico-geográfica.

Outros problemas são reportados por aqueles que têm se debruçado sobre a tarefa de escrita da história a partir das fontes literárias: as dificuldades de acesso às fontes; as barreiras à interlocução face às eventuais diferenças de língua e de linguagens; as alterações estéticas e ideológicas e, também, materiais, que afetam os documentos e que se refletem nos modos de recepção individuais e coletivos dos textos. Outrossim, é imprescindível reconhecer que sobre a produção literária pesam a origem, formação e linguagem individual do autor; as convenções estéticas do seu tempo, às quais ele está mais ou menos subordinado; também, os valores sociais e culturais próprios aos grupos que lhe

patrocinam e aos que lhe servem de audiência. São inúmeras as possibilidades de abordagem que estão a exigir teorias e métodos distintos. Enfim, faz-se necessário refletir sobre a especificidade da literatura entre as diversas formas de expressão cultural, particularmente nas sociedades em que o acesso à leitura de textos escritos, predominantes nos estudos de história literária, está restrito a uma ínfima parcela da população.

É sobre esse complexo conjunto de problemas que se estrutura o presente dossiê temático, dedicado às relações entre literatura e história. Abre a sessão o artigo intitulado “Sacrifício e lealdade no campo de batalha”, de autoria do Prof. Elton Oliveira Souza de Medeiros, coordenador do Núcleo de Estudos Interdisciplinares das Ilhas Britânicas: Antiguidade e Medievo. A partir do conceito de mito-história, o autor analisa as apropriações, no século XIX, do poema *A Batalha de Maldon*, que tem por tema a batalha, ocorrida em 991, entre anglo-saxões e vikings e que foi difundido, à época de sua elaboração, como instrumento de afirmação dos modelos heroicos e de organização da vida social anglo-saxônicos.

O artigo de Adriana Zierer, professora de História Medieval da Universidade Estadual do Maranhão, tem por título “Entre o Paraíso e o Inferno: os sonhos n’*A Demanda do Santo Graal*” e versa sobre as representações dos espaços do além-túmulo na versão portuguesa da *Queste del Saint Graal*, novela de inspiração bretã. Difundida em Portugal, no século XIII, com o título *A Demanda do Santo Graal*, a história individualiza os personagens em conformidade com seus vícios e virtudes e faz ver, por meio deles, dos relatos dos seus sonhos, as características dos espaços extraterrenos, em consonância com os ensinamentos da Igreja.

É também da literatura de cavalaria de expressão portuguesa que trata o artigo de Ana Márcia Alves Siqueira, professora da Universidade Federal do Ceará, “O simbolismo do cavaleiro andante entre Literatura e História”. Em uma perspectiva temporal mais ampla, que remonta ao século XIII e se estende ao século XX, a autora propõe analisar a imagem do cavaleiro andante, de viés salvacionista, como paradigma da identidade nacional portuguesa.

O artigo seguinte, de autoria de Roberto Silva de Oliveira, professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, tem por título “A vida e a obra de Dante Alighieri na perspectiva de Giovanni Boccaccio e Leonardo Bruni”. O texto tem por proposta fazer um estudo comparativo das abordagens de

Boccaccio e Bruni sobre os fatos que marcaram a vida e a obra do poeta, de modo a destacar os interesses e condicionantes sociais e pessoais que, em contextos distintos, resultaram na elaboração do *Trattatello in laude di Dante* e do *Della vita, studi i costumi di Dante*.

De autoria do professor Geraldo Augusto Fernandes, da Universidade Federal do Ceará, é o texto “Uma leitura controversa de texto antigo no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende”. O artigo versa sobre os critérios de escolha e utilização de versões de uma mesma fonte e sobre as leituras possíveis que resultam dessas escolhas.

O dossiê se encerra com o texto “Escrita e infância nas estórias de Luandino Vieira: uma leitura de *Luanda*”, de Zoraide Portela Silva, professora da Universidade do Estado da Bahia. O artigo trata do hibridismo linguístico e cultural de Luandino Vieira, especialmente nos seus escritos em que figuram como personagens centrais as crianças dos musseques angolanos. A autora propõe refletir sobre as relações entre o bilinguismo e as configurações específicas da dominação colonial portuguesa em Angola.

Rita de Cássia Mendes Pereira
Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb)
Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP)
E-mail: ricamepe@hotmail.com